

Introdução

Em muitas sociedades, as mulheres assumem a maior parte da responsabilidade de cuidar das famílias - cuidando das crianças, idosos e doentes. A ONU Mulheres (2015) afirma que em todo o mundo as mulheres gastam 2,5 vezes mais tempo dedicadas aos trabalhos de cuidado do que os homens. Esse é um trabalho que é muito importante para as famílias e para a sociedade como um todo, mas que geralmente não é reconhecido como tal (Elson, 2000) e as mulheres não são pagas para fazê-lo sendo, por isso, chamado de “trabalho não remunerado”. Muitas mulheres também trabalham para obter uma renda. Elas têm que fazer isso porque, caso contrário, sua família não terá dinheiro suficiente. As mulheres trabalham também porque elas querem; elas se sentem empoderadas ao contribuir para a renda familiar além de aumentar a sua independência. No entanto, ganhar uma renda não significa que as responsabilidades familiares das mulheres se tornam menores – é esperado que elas sejam tanto cuidadoras quanto trabalhadoras, e isso pode causar muitas dificuldades.

Sabemos, por exemplo, que a responsabilidade pelo trabalho não remunerado do cuidado contribui para o fato de as mulheres serem mais propensas que os homens a trabalhar em formas de emprego que são inseguras, nas quais os rendimentos são baixos. As mulheres estão mais propensas a trabalhar em tempo parcial ou parar de trabalhar enquanto seus filhos estão muito jovens (Cook e Dong, 2011; Razavi, 2011). Sabemos também que as mulheres, ao serem vistas como cuidadoras, podem ter seus lucros afetados, porque as mulheres estão muito mais propensas a trabalhar em profissões relacionadas aos “cuidados” de baixa remuneração, incluindo o trabalho remunerado de cuidados infantis e o trabalho doméstico (Lund, 2010). Por sua vez, os baixos rendimentos denotam que as mulheres não têm tempo ou recursos necessários para gastar em cuidados infantis. Isso pode fazer com que elas se sintam deprimidas e culpadas por não fornecerem o tipo de atendimento que gostariam de prover para seus filhos ou familiares.

Os empregos precários, os baixos rendimentos e a participação irregular na força de trabalho indicam que as mulheres estão, em geral, muito menos seguras



A trabalhadora informal Hakia Latif carrega mercadorias na cabeça e sua filha nas suas costas num mercado em Accra, Gana. Foto: Jonathan Torgovnik/Getty Images Reportage



*Um grupo de mulheres escuta sobre alimentos saudáveis em um encontro sobre nutrição numa creche BaSEWA em Ahmedabad, Índia.
Foto: Paula Bronstein/Getty Images Reportage*

economicamente do que os homens. Essa insegurança econômica pode durar por toda a vida, já que a perda de rendimentos resultantes do trabalho não remunerado faz com que as mulheres tenham menos capacidade de poupar dinheiro para a velhice. Apesar desse ser um problema que pode afetar todas as trabalhadoras, ele é experimentado de forma mais aguda pelas trabalhadoras informais no Sul global. Essas mulheres não têm acesso às proteções social e trabalhista, que podem ajudar as trabalhadoras formais a conciliar os cuidados infantis com o trabalho remunerado. Desta forma, a responsabilidade pelo trabalho não remunerado gera e reforça a desigualdade social.

Este artigo é um resumo dos resultados de uma investigação realizada pela Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO) e as suas organizações parceiras, todas elas organizações de base (OBs) de trabalhadores e trabalhadoras informais. O estudo almejava entender melhor como a responsabilidade pelo trabalho não remunerado, especialmente o cuidado de crianças pequenas, afeta os rendimentos e a produtividade das trabalhadoras informais. Também desejava entender como a participação das mulheres no trabalho remunerado impacta a sua capacidade de prover cuidados para as suas famílias e como elas conseguem equilibrar os cuidados infantis com o trabalho remunerado. A pesquisa tem como objetivo oferecer recomendações para o desenvolvimento de políticas e programas que poderiam ajudar as trabalhadoras informais a equilibrar melhor as suas responsabilidades na provisão de cuidados aos seus filhos e, ao mesmo tempo, melhorar a sua capacidade de ganhar uma renda.

As OBs que participaram da pesquisa foram a Cooperativa Atlimarjom em João Monlevade no Brasil (que representa o setor de catadoras e catadores), a Associação de Mercados de Gana (GAMA, na sua sigla em inglês) e a Associação de Vendedores e Vendedores Ambulantes Informais de Gana (IHVAG, na sua sigla em inglês) em Accra, Gana (representando os setores de vendedores e vendedoras de rua e feirantes), a Associação das Mulheres Auto-Empregadas (SEWA, na sua sigla em inglês), em Ahmedabad, Índia (representando as trabalhadoras e trabalhadores domiciliares, vendedores e vendedoras ambulantes e trabalhadoras e trabalhadores agrícolas), a Associação Sul-Africana de Trabalhadores Informais (SAIWA, na sua sigla em inglês) em Durban, África do Sul (que representa feirantes, vendedoras e vendedores ambulantes, catadoras e catadores) e a HomeNet Tailândia (HNT) em Bangkok, Tailândia (representando as trabalhadoras e trabalhadores domiciliares e vendedoras e vendedores de rua e feirantes). No total, 159 trabalhadoras foram entrevistadas entre outubro e dezembro de 2015, utilizando uma combinação de grupos focais e entrevistas individuais. Noventa por cento das mulheres entrevistadas estavam cuidando de crianças com idade inferior a 6 anos. Para uma lista completa da amostra, consulte o relatório completo do estudo.

A relação entre os cuidados infantis e os rendimentos das trabalhadoras informais

O estudo constatou que existem diferentes formas nas quais o cuidado infantil pode afetar os rendimentos das mulheres trabalhadoras informais. Elas incluem:

i) Mudanças na escolha de emprego

Sabemos por outros estudos que quando as mulheres têm filhos pequenos para cuidar, elas tendem a escolher trabalhos que sejam mais flexíveis, mas nos quais as horas de trabalho não são regulares e os rendimentos mais baixos (Cook e Dong, 2011). O mesmo aconteceu no presente estudo. Na Tailândia, as trabalhadoras domiciliares disseram que elas sabiam que “trabalhar fora” da casa significaria que elas poderiam ser mais bem remuneradas e ter um trabalho mais regular. No entanto, elas acreditavam que fazia mais sentido ficar em casa, onde elas poderiam ganhar uma renda, cuidar de seus filhos, e encarregar-se das tarefas domésticas. As catadoras na África do Sul disseram algo similar: que a razão pela qual tinham escolhido aquele trabalho pouco remunerado foi porque lhes permitiu serem flexíveis com as suas horas de trabalho, dando-lhes mais tempo para cuidar de seus filhos.

ii) Alterações nos horários de trabalho

Cuidar dos filhos afeta os horários de trabalho das mulheres de forma que elas ganham menos dinheiro. Em Accra,



A criança de seis meses de uma costureira cochila enquanto sua mãe costura numa fábrica em Bangoc, Tailândia.
Foto: Paula Bronstein/Getty Images Reportage

“ Antes, quando eu não tinha uma criança pequena, eu costumava trabalhar até tarde, por volta de 16h00 ou 17h00. Os caminhões trazem os materiais bons no final do dia e eu sinto que estou perdendo tudo isso. ”

Feirante sul-africana

os períodos mais produtivos do dia. Alterações nos horários de trabalho também podem afetar as compras, bem como as vendas. Na África do Sul, uma vendedora reclamou que ela teve que reduzir o seu dia de trabalho a fim de buscar seu filho na creche, fazendo com que ela perdesse a chance de comprar os melhores produtos no atacado, que só chegavam ao mercado no final do dia.

iii) Diminuição da produtividade dentro e fora de casa

Quando as mulheres mantêm seus filhos com elas enquanto trabalham, isso pode diminuir a sua produtividade, o que por sua vez afeta seus rendimentos. Neste estudo, a maioria das mulheres que mantiveram seus filhos com elas enquanto trabalhavam eram trabalhadoras domiciliares. Elas reclamaram que tentar trabalhar e cuidar das crianças ao mesmo tempo as deixou muito cansadas e as distraíram de fazer seus produtos. Elas também disseram que as crianças

o melhor momento para negociação nas ruas é no início da manhã, já que as pessoas estão indo para o trabalho, e à noite, quando elas voltam para casa. No entanto, “estes são também os momentos em que o seu filho precisa mais de você” – precisando do café da manhã e de ser levado para a escola - apontou uma vendedora de Gana. Isso significa que as vendedoras com crianças pequenas podem não serem capazes de trabalhar durante

pequenas podem danificar os produtos nos quais elas estão trabalhando, o que significava que teriam que passar mais tempo reparando-os. “Meu neto agarra e arrasta as redes de pesca Às vezes elas têm rasgos e eu tenho que consertá-las”, disse uma trabalhadora domiciliar tailandesa que faz redes de pesca.]

Algumas mulheres que trabalham fora de casa também mantêm seus filhos com elas no trabalho. Isto pode ser muito difícil, especialmente para as mulheres que trabalham em espaços públicos, onde a infraestrutura não é apropriada para crianças pequenas. Em um caso, uma vendedora sul-africana disse que ela não podia ir para o trabalho quando o tempo estava ruim, porque não havia abrigo para seu filho.

O estudo constatou também que a relação entre as responsabilidades das mulheres com os cuidados e seu trabalho remunerado assume duas direções. As responsabilidades com o cuidado afetam a quantidade de dinheiro que as mulheres podem ganhar ao restringir o período em que elas podem trabalhar, portanto impactando a qualidade

“ Quando as crianças não estão conosco podemos trabalhar mais rápido... [meu filho] interfere no meu trabalho. Eu faço rotis [pão achatado] para venda. Estou sempre com medo de que ele toque na chapa quente e queime a si mesmo. Em outros momentos, ele corre para fora de casa e eu tenho que correr atrás dele para trazê-lo de volta. ”

Trabalhadora domiciliar indiana



KKasha Solanki, professora na creche Balsewa em Ahmedabad, Índia, sentada com uma de suas crianças de 3 anos de idade. Foto: Paula Bronstein/Getty Images Reportage

do tempo que elas podem se dedicar ao seu trabalho. Ao mesmo tempo, trabalhar por dinheiro também afeta a qualidade e a quantidade de cuidados que as mulheres podem dar aos seus filhos. Diversas trabalhadoras informais falaram sobre o orgulho que sentiam em poderem ganhar dinheiro para a família. No entanto, elas também se preocupavam com o impacto de suas longas horas de trabalho na sua vida familiar. Na Índia, uma mulher se queixou de que sua família não podia mais comer reunida por causa de seus diferentes horários de trabalho. As mulheres também disseram que se sentiam como se estivessem negligenciando seus filhos quando elas saíam para o trabalho, se preocupando com os efeitos negativos sobre a saúde, educação e o desenvolvimento geral de

“ Eu levo meu filho para trabalhar comigo, mas quando o tempo está ruim, como quando está chovendo, com muito vento e/ou muito quente, eu não posso levar ele comigo porque não há nenhum abrigo onde eu trabalho e então eu fico em casa. ”

Vendedora sul-africana

seus filhos. Elas disseram que o aumento de seus níveis de estresse fazia com que se tornasse difícil que conseguissem trabalhar apropriadamente.

Houve um forte sentimento nas entrevistas de que a responsabilidade pelo cuidado das crianças deve ser vista mais como uma responsabilidade social coletiva, porque as mulheres simplesmente não têm tempo para proverem renda e cuidados adequados para seus filhos. No Brasil, as

participantes da pesquisa disseram que elas achavam que era responsabilidade do Estado apoiar as trabalhadoras com políticas, tais como creches acessíveis, bem como programas de saúde e educação para compensar o tempo que as mães que trabalham não podem gastar com as suas crianças.

Alternativas de cuidados infantis utilizadas pelas trabalhadoras informais

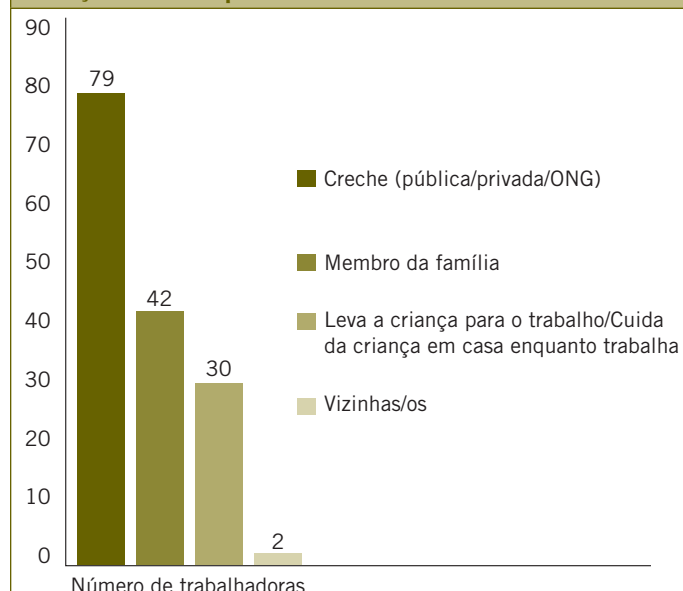
A Figura 1 apresenta a divisão das alternativas de cuidados infantis utilizadas pelas trabalhadoras informais entrevistadas neste estudo. A maioria das participantes (52 por cento) utilizou uma creche como sua principal forma de cuidar da criança enquanto elas trabalhavam. A próxima forma mais comum de cuidado de crianças (27 por cento) foi aquela provida pelos membros da família, geralmente uma avó, uma tia ou uma filha mais velha, seguido por levar as crianças para trabalhar ou cuidar delas em casa enquanto trabalham (20 por cento).

Uma pesquisa com 31 países em desenvolvimento mostrou que apenas 4 por cento das mulheres que trabalham tiveram acesso a uma forma organizada de cuidado das crianças (ONU Mulheres, 2015). Neste estudo, muito

“ Às vezes você pode pensar muito sobre os filhos quando eles estão longe de você; você vê como as outras crianças são cuidadas e sabe que você não está fazendo muito pelas suas. Isso pode fazer você perder a concentração no mercado de tal forma que você simplesmente não consegue vender bem. ”

Feirante de Gana

Figura 1: Agregado das alternativas primárias de cuidado das crianças utilizadas por trabalhadoras informais





*Uma trabalhadora domiciliar costura roupas enquanto seus netos brincam em casa em Bangkok, Tailândia.
Foto: Paula Bronstein/Getty Images Reportage*

mais mulheres tiveram acesso a esses serviços. Isso se deu por causa da situação nos países em que o estudo foi realizado, e porque as mulheres entrevistadas faziam parte de organizações que tentaram educar seus membros sobre serviços de cuidados infantis e prover tais serviços a eles, como no caso da SEWA. Além das creches da SEWA, as mulheres na Índia também têm acesso às creches gratuitas, providas pelo Estado através do Sistema Integrado de Desenvolvimento Infantil (*Integrated Child Development Scheme - ICDS*). No Brasil, o Estado tem fornecido o cuidado gratuito das crianças desde os anos 1960 (Ogando e Brito, 2016), e em Gana as mulheres relataram poderem enviar seus filhos à pré-escola com um ano de idade.

Nem todas as creches utilizadas pelas trabalhadoras neste estudo foram as mesmas. Os diferentes tipos de creches podem ser resumidos como se segue:

- Creches públicas providas pelo Estado (Brasil, algumas mulheres na Índia utilizando os ICDS e Tailândia, onde a Prefeitura de Bangkok fornece alguns serviços de cuidados infantis gratuitamente)
- Creches filantrópicas fornecidas por OBs ou ONGs e sujeitas a regulação estatal (como a oferecida pela SEWA na Índia)
- Creches informais privadas geridas por membros da comunidade e não reguladas pelo Estado (essas foram mais comumente usadas por mulheres na África do Sul)
- Centros de educação infantil anexadas às escolas (Gana)

Nem todas as mulheres neste estudo queriam enviar seus filhos para uma creche - um grupo de trabalhadoras domiciliares na Tailândia disse que “cuidar e educar nossos próprios filhos é a felicidade”, mesmo que seja “desgastante” trabalhar e cuidar das crianças ao mesmo tempo. Além disso, acaba mantendo os ganhos baixos. No entanto, muitas mulheres também disseram que gostariam de não ter de manter seus filhos com elas quando estavam trabalhando; não só porque as distraia do seu trabalho, mas porque os locais de trabalho podem ser lugares perigosos para crianças pequenas. Este foi especialmente o caso das mulheres que trabalhavam em espaços públicos urbanos, como as feirantes e vendedoras de rua e as catadoras de material reciclável, que disseram que se preocupavam em perder seus filhos ou que eles corressem para ruas movimentadas. As trabalhadoras domiciliares também contaram histórias sobre as crianças engolindo objetos perigosos que elas usavam no seu trabalho, o desenvolvimento de problemas respiratórios por causa da inalação de poeiras e fumos, e de perdê-los no bairro enquanto as cuidadoras estavam distraídas com o trabalho.

Outras trabalhadoras disseram que preferiam ter um membro da família confiável para cuidar de seus filhos. No entanto, também foram levantados problemas com esses arranjos. Na África do Sul as mulheres se queixaram de que os membros da família e vizinhos eram pagos pelo trabalho de cuidados que fazem - não era um arranjo gratuito, e em Gana as mulheres disseram que elas nem sempre confiavam em seus familiares para fornecer bons cuidados. Na Índia, as filhas mais velhas muitas vezes têm de cuidar dos seus irmãos mais novos, o que as impediam



*Rattana Chalermchai trabalha como trabalhadora domiciliar da indústria de vestuário enquanto olha sua neta em Bangoc, Tailândia.
Foto: Paula Bronstein/Getty Images Reportage*

de ir à escola (ASK, 2011). Na Tailândia, um grande número de mulheres entrevistadas eram elas próprias avós que estavam cuidando de seus netos pequenos para que os seus filhos pudessem ir trabalhar. Em muitos casos, os seus filhos não tinham condições de contribuir financeiramente por causa de seus baixos salários, o que significava que as avós tiveram de montar um negócio a fim de ganhar dinheiro suficiente para cuidar de seus netos.

Apesar das queixas apresentadas pelas trabalhadoras que usavam creches, houveram algumas vantagens reais para aquelas que puderam acessá-las. Trabalhadoras domiciliares falaram sobre o quanto isso aliviou o seu estresse e permitiu-lhes se concentrarem melhor em obter uma renda. No Brasil, uma catadora que tinha recentemente se mudado para a cidade e não tinha família em quem confiar, disse que a creche foi essencial para ela poder trabalhar, especialmente porque as condições de seu trabalho eram perigosas e inadequadas para crianças. “Sem creche, eu não posso trabalhar. Quando não há creche, eu não trabalho”, disse ela. Na Índia, as creches da SEWA ajudaram as mulheres a aumentar o número de dias que trabalham, um aumento de sua renda de Rs.500 a Rs.1.000 (US\$ 8-16) por mês (ASK, 2011). Foi igualmente reconhecido que as creches poderiam dar às crianças um bom começo de vida, oferecendo oportunidades educacionais que as mães nem sempre podiam fornecer. “Eu levo meu filho para a escola para ele ter um futuro melhor - Eu não quero que ele seja como eu”, disse uma feirante ganesa.

Considerando estes fatos, o estudo tentou descobrir mais sobre o porquê de 48 por cento das mulheres entrevistadas não estarem usando creches. As razões mais importantes dadas incluíram as seguintes:

Custo: Essa é uma barreira importante ao acesso, especialmente para as trabalhadoras mais pobres. Neste estudo, o custo das creches era um problema principalmente para as mulheres sul-africanas, país no qual não há oferta pública para crianças menores de 3 anos de idade. Os custos dos cuidados infantis não se relacionam apenas com as taxas, mas também com o horário de funcionamento e a distância, que podem elevar os custos de forma significativa, se não forem adequados.

Horário de Funcionamento: Os horários de funcionamento das creches muitas vezes não coincidem com as horas de trabalho das trabalhadoras informais - elas abrem depois que o trabalho já começou e fecham antes de o trabalho ter terminado. Neste caso, as mulheres têm que fazer arranjos alternativos, ou contar com a família ou vizinhos para preencher as lacunas (o que pode aumentar o custo total de depender das creches) ou reduzir/alterar seus horários de trabalho.

Distância: se a creche for muito longe de onde as mulheres trabalham e/ou vivem, elas estão menos propensas a querer utilizar a creche por causa da inconveniência e o custo de ter que viajar longas distâncias.

Qualidade dos cuidados: Esta foi uma preocupação importante para todas as mulheres trabalhadoras. Os benefícios das creches para as mulheres trabalhadoras são muito mais insuficientes quando as mulheres não confiam na qualidade dos cuidados que estão sendo dados a seus filhos. Não confiar na qualidade dos cuidados prestados também significa que as mulheres estão mais propensas a usar outros tipos de arranjos de cuidados.

“ Uma vez eu levei minha criança para uma creche... havia um monte de custos; antes de eu ir para o trabalho eu tinha que pagar alguém para cuidar da menina enquanto ela estava esperando o carro que a levava para a creche. A pessoa também tinha que cuidar da criança depois da creche ter fechado... então eu tive que pagar por essa pessoa, pelo transporte e pela creche. ”

Vendedora
sul-africana



Mayuri Suepwong é uma mãe solteira que trabalha como trabalhadora domiciliar na indústria de vestuário de Bangoc, Tailândia. Sua filha a ajuda após a escola. Foto: Paula Bronstein/Getty Images Reportage

Políticas para apoiar as trabalhadoras informais a equilibrar os cuidados infantis e o trabalho remunerado

A natureza do emprego informal, com rendimentos baixos, longas horas de trabalho e sem proteções trabalhistas e sociais, torna mais difícil para as mulheres e os homens cuidarem de seus filhos da maneira que eles gostariam de fazê-lo. Melhorar as condições do emprego na economia informal é importante e exige grandes mudanças nas políticas econômicas e sociais (Chen, Jhabvala e Lund, 2011). Ao mesmo tempo, esta pesquisa sugere que há também uma necessidade de políticas sociais para apoiar as mulheres a especificamente equilibrar as suas responsabilidades familiares e de trabalho; permitindo-lhes melhorar os seus rendimentos, aliviando-os do estresse e preocupação, e aliviando a carga sobre outros membros da família, especialmente as avós e filhas mais velhas, que muitas vezes têm de arcar com o ônus dos cuidados quando os pais não conseguem.

A provisão de creches públicas de boa qualidade e com preços acessíveis é uma forma importante de o Estado poder apoiar as trabalhadoras informais a esse respeito. A SEWA tem mostrado que suas creches podem melhorar os rendimentos das mulheres e fornecer aos filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras informais uma base sólida na vida (ASK, 2011). A ONU Mulheres (2015) também apóia essa perspectiva. Ela argumenta em seu Relatório sobre o Progresso das Mulheres do Mundo de 2015 que, além de beneficiar as mulheres trabalhadoras e seus filhos, a provisão pública de creches pode criar mais e melhores

empregos para as mulheres como trabalhadoras nos serviços de cuidados. Se esse é o caso, que tipo de creches poderiam melhor apoiar as trabalhadoras informais? Como esta pesquisa mostrou, nem todas as creches são consideradas igualmente úteis, e muitas são configuradas de tal forma que as trabalhadoras informais não podem acessá-las. A caixa de texto 1 abaixo resume as características de uma creche que as trabalhadoras informais neste estudo disseram que seriam mais úteis para elas.

“ Quando eu tinha que cuidar de meu bebê quando ele era pequeno, eu não podia fazer mais nada e perdi a minha renda. Quando eu me envolvo em alguma atividade, eu gostaria de ter alguém para cuidar do meu filho para que eu possa me concentrar no trabalho. ”

trabalhadora domiciliar tailandesa

Para beneficiar mais as trabalhadoras informais, as creches deveriam:

- **Ser acessíveis:** O cuidado das crianças deve ser gratuito ou subsidiado pelo Estado.
- **Ter horários de funcionamento para atender as trabalhadoras informais:** No Brasil as catadoras e catadores de material reciclável se organizaram e reivindicaram uma creche que estivesse aberta das 7h até 22h, para combinar com suas horas de trabalho. Para evitar que as trabalhadoras dos cuidados fossem sobrecarregadas, o dia foi dividido em quatro turnos (Ogando e Brito, 2016).
- **Prover cuidados de boa qualidade:** Deve haver infraestrutura básica, trabalhadoras dos cuidados suficientemente treinadas, a provisão de alimentos nutritivos e deve ser incluído um componente educacional e de saúde.
- **Fornecer boas oportunidades de trabalho para as trabalhadoras dos cuidados:** as trabalhadoras dos cuidados devem ser remuneradas com pelo menos um salário mínimo, ter horas de trabalho regulamentadas, e devem ter acesso à formação.
- **Ser participativas e orientadas para a comunidade:** as trabalhadoras informais devem ser incluídas como principais interessadas na gestão e funcionamento das creches e bons canais de comunicação devem ser estabelecidos entre pais e profissionais dos cuidados. A SEWA mostrou que se as trabalhadoras dos cuidados da comunidade local forem empregadas nas creches, estes canais de comunicação serão abertos mais naturalmente.
- **Estar em uma localização conveniente:** Uma creche convenientemente localizada deve estar perto das casas ou dos locais de trabalho das trabalhadoras informais, de modo que o transporte não aumente os custos dos cuidados.

Conclusão

A capacidade das famílias de cuidar de seus filhos é dificultada pelas formas nas quais a economia global está estruturada. Para as trabalhadoras informais, especialmente, a situação é muito difícil - elas trabalham para ganhar uma renda baixa, lutam para satisfazer suas necessidades básicas e, ao mesmo tempo, cuidam de suas famílias. Neste contexto, a provisão de serviços de cuidados infantis de qualidade a preços acessíveis é uma forma importante de melhorar os rendimentos das mulheres e permitir o seu empoderamento econômico, social e político. O acesso a cuidados das crianças deve ser visto como um direito trabalhista para todas as trabalhadoras informais, sejam elas empregadas assalariadas ou trabalhadoras por conta própria, trabalhando dentro ou fora de casa.

Referências

- Association for Stimulating Know How (ASK). 2011. "SEWA: Child Care Impact Assessment Report." Haryana: ASK.
- Chen, M., R. Jhabvala e F. Lund. 2011. "Supporting Workers in the Informal Economy: A Policy Framework." Paper prepared for the ILO Task Force on the Informal Economy. Geneva: WIEGO e ILO.
- Cook, S e X. Dong. 2011. "Harsh Choices: Chinese Women's Paid Work and Unpaid Care Responsibilities under Economic Reform." *Development and Change*, 42 (4): 947-965.
- Elson, D. 2000. "Progress of the World's Women 2000." New York: UNIFEM.
- Lund, F. 2010. "Hierarchies of care work in South Africa: Nurses, social workers and home-based care workers." *International Labour Review* 149 (4): 495-509.
- Ogando, A.C e M. Brito. 2016. "WIEGO Child Care Initiative: Latin America Policy Scoping." Cambridge, MA, USA: WIEGO.
- Razavi, S. 2011. "Rethinking Care in a Development Context: An Introduction." *Development and Change*, 42 (4): 873-903.
- ONU Mulheres. 2015. "Progress of the World's Women 2015-2016: Transforming Economies, Realizing Rights." New York: UN Women.